



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
MEMORIAL DESCRITIVO DO PRODUTO

PAULO HENRIQUE PIMENTA DA SILVA

**O SILENCIOSO CANTO DOS PÁSSAROS**  
**UMA REPORTAGEM SOBRE A VIDA NO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE BRASÍLIA**

BRASÍLIA – DF  
NOVEMBRO DE 2013

PAULO HENRIQUE PIMENTA DA SILVA

O SILENCIOSO CANTO DOS PÁSSAROS

UMA REPORTAGEM SOBRE A VIDA NO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE BRASÍLIA

**Memorial descritivo do produto apresentado à  
Universidade de Brasília como requisito parcial para  
obtenção do título de bacharel em Comunicação  
Social com habilitação em Jornalismo.**

**Orientador: Professor Doutor Sérgio Araujo de Sá**

BRASÍLIA – DF

NOVEMBRO DE 2013

PAULO HENRIQUE PIMENTA DA SILVA

O SILENCIOSO CANTO DOS PÁSSAROS

UMA REPORTAGEM SOBRE A VIDA NO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE BRASÍLIA

**Memorial descritivo do produto apresentado à  
Universidade de Brasília como requisito parcial para  
obtenção do título de bacharel em Comunicação  
Social com habilitação em Jornalismo.**

**Orientador: Professor Doutor Sérgio Araujo de Sá**

BRASÍLIA – DF

NOVEMBRO DE 2013

**BANCA EXAMINADORA**

---

**PROF. DR. SÉRGIO ARAUJO DE SÁ  
ORIENTADOR**

---

**PROF. DRA. CLAUDIA MARIA BUSATO  
EXAMINADORA**

---

**PROF. DR. FERNANDO OLIVEIRA PAULINO  
EXAMINADOR**

Para a minha mãe, Amília – meu pedaço de céu na terra.  
Para o meu pai, Carlos – meu pedaço de terra no céu.

## **AGRADECIMENTOS**

Durante os últimos cinco meses, vivi com as emoções à flor da pele. O caminho ficou mais fácil graças às pessoas que passaram por mim, verdadeiros anjos. Eu deveria começar estes agradecimentos elevando meu pensamento e também algumas preces a Deus. Mas eu me tornaria repetitivo, já que em cada sorriso, sugestão, abraço ou desabafo compartilhados eu O senti próximo a mim. Nesses dias, Deus se transformou em fortaleza dentro de minha casa; em sabedoria para o meu professor; em paciência para os meus amigos; e em caridade para os monges. Obrigado, Senhor, pelas graças derramadas. Saio com a certeza renovada de que a fé não costuma mesmo falhar.

À minha mãe, que sempre se esforçou o máximo que pôde para que eu tivesse uma boa educação – ainda que isso custasse minha saída da escola e alfabetização dentro de casa. Eu me lembro do abecedário e das cartilhas de caligrafia que fazíamos juntos. Essa vitória é sua e minha.

Ao meu pai, que contaria para Deus e o mundo as histórias do filho jornalista e se orgulharia ao me ver formado. Ele, o velho Carlão, que no dia 12 de outubro de 2001, me apresentou ao suplemento infantil de um jornal da cidade e me pediu para ler aquelas páginas sempre que pudesse. Minha paixão pelo jornalismo nasceu ali. Obrigado pelo presente de dia das crianças. Guardo comigo até hoje.

Aos meus irmãos Karla e Kleber pelo apoio e pelas palavras de conforto. Mesmo que eu não demonstre sempre, vocês me inspiram bastante.

Aos meus amigos, que diariamente refazem os laços que seguram nossa amizade. Vocês foram peças importantes na construção deste trabalho. Obrigado pela paciência em ouvir meus desabafos desesperados e pelas orações.

À Nava, que sempre me incentivou a escrever, e por ter entrado de cabeça na história quando pedi ajuda. Agradeço pelas palavras do prefácio e pelas palavras da vida, sempre verdadeiras poesias.

Agradeço ao meu orientador, verdadeiro gênio. Espero, um dia, ter a perspicácia e a habilidade com as palavras que ele tem. No meu dicionário, Sérgio é sinônimo de equilíbrio e

mansidão. Depois das várias mudanças de tema e do enorme apoio com referências bibliográficas, tive uma verdadeira aula durante a edição do texto. Obrigado.

Aos membros da banca, professores Cláudia Busato e Fernando Paulino, pelos ensinamentos em sala de aula e pelo “sim” ao convite para compor a minha banca examinadora. Aos demais professores da Faculdade de Comunicação da UnB, nítidos reflexos em minha bagagem: Dione Moura, Paulo Paniago, Celia Matsunaga, Isabela Lara, Letícia Renault, Zélia Leal, Susana Dobal, Caíque Novis e Zé Luis. O agradecimento se estende aos docentes do Centro Universitário de Brasília (UniCeub), instituição na qual comecei minha caminhada no jornalismo.

Aos funcionários da FAC e da UnB, que nunca me deixaram na mão: Rogério, Cris, Grazi e Neide pelo apoio na Secretaria; Edson pela ajuda com toda a parte burocrática; ao Júnior, do Laboratório de Rádio; Aline, das Ilhas de Edição; Diana, da Fotografia; André, com as câmeras; à Vera, da Copa, pelas centenas de abraços e sorrisos que trocamos; e à grande figura daquela faculdade, Seu Isaías, porteiro bom de papo e que nos faz entrar na Faculdade de Comunicação com o pé direito.

À Raquel Câmara, artista que diagramou e ilustrou minha reportagem. Nem todos têm o mesmo dom da leveza e exatidão que ela.

Aos monges do Mosteiro de São Bento de Brasília, que abriram as portas para que eu me hospedasse por uma semana junto a eles. Em especial, ao prior, Dom André, pela confiança; ao irmão Bernardo Maria, pela ponte entre mim e o responsável pela casa, além das várias conversas amigas; ao irmão Ambrósio Leite, por ter aceitado dividir sua história de vida comigo; e ao Irmão João Evangelista, pelas várias horas de bate-papo e pela amizade que nasceu na clausura.

Por fim, aos milhões de brasileiros que desconheço – e dos quais sou desconhecido – e financiaram parte de meus estudos em uma universidade pública federal. Espero retribuir com meu trabalho no jornalismo o que foi investido em mim.

“Combati o bom combate, completei a corrida, guardei a fé.”

*(II Timóteo 7, 4)*

## RESUMO

Este é o memorial descritivo da produção de *O silencioso canto dos pássaros*, uma grande reportagem produzida para ser veiculada em revistas. O trabalho conta como é a rotina do Mosteiro de São Bento de Brasília. Após passar sete dias completamente inserido na vida dos monges, o repórter abre as portas da clausura e permite ao leitor o ingresso em uma dimensão a que poucos têm acesso. O material coletado transformou-se em linhas de jornalismo literário que tecem uma grande reportagem. Este projeto ainda passa por assuntos como o silêncio e a religião. Baseada em oração, trabalho e leitura, a vida no mosteiro revela grandes mistérios que são decifrados ao longo das páginas do produto.

**Palavras-chave:** Mosteiro. Monges. Silêncio. Grande reportagem. Jornalismo literário, Jornalismo etnográfico.



## **RESUMÉ**

Ce document est le mémoire d'étude universitaire analysant la production du reportage *Le silencieux chant des oiseaux*, produit dans le but d'être diffusé dans des journaux magazines. L'œuvre raconte le quotidien du monastère São Bento, à Brasília. Après avoir passé sept jours en immersion totale dans la vie des moines, le journaliste ouvre les portes du cloître et permet l'entrée du lecteur dans une dimension à laquelle peu ont accès. Le matériel recueilli a été transformé en lignes de journalisme littéraire qui tissent un grand reportage. Ce projet comprend également des questions telles que le silence et la religion. Basé sur la prière, le travail et la lecture, la vie dans le monastère révèle de grands mystères qui sont décodés dans le reportage et analysés dans ce mémoire d'étude.

**Mots-clés:** Monastère. Moines. Silence. Reportage. Journalismes littéraire. Journalismes ethnographique

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	10
<b>2. Jornalismo</b> .....	14
2.1 Reportagem .....	14
2.2 Grande reportagem .....	15
2.3 Jornalismo de revista .....	16
2.4 Jornalismo literário .....	18
2.5 Jornalismo etnográfico .....	19
<b>3. Religião</b> .....	21
3.1 São Bento e São Gregório Magno .....	21
3.2 A Regra de São Bento .....	22
3.3 Vida consagrada .....	22
3.4 Vocação .....	23
3.5 Clausura .....	24
3.6 Silêncio .....	25
<b>4. A vida no mosteiro</b> .....	27
4.1 Rotina .....	27
4.2 Condições .....	27
4.3 Da entrada na casa aos votos perpétuos .....	28
<b>5. Referenciais metodológicos</b> .....	29
5.1 Pauta .....	29
5.2 Pré-apuração .....	29
5.3 Apuração .....	30
5.4 Redação .....	31
5.5 Diagramação .....	32
5.6 Imagens .....	33
<b>6. Considerações finais</b> .....	34
<b>7. Referências bibliográficas</b> .....	35
<b>8. Anexos</b> .....	37

## 1. Introdução

Em um mundo barulhento e hiper comunicativo, há quem tenha escolhido viver em silêncio. Ou, talvez, viver o silêncio. Nestes tempos modernos, ficar praticamente incomunicável causa estranhamento e gera polêmicas. A correria em que a maioria das pessoas leva a vida não atrai todo mundo. É que, seja por vocação ou por vontade própria, algumas pessoas nasceram para o silêncio.

Os monges beneditinos, por exemplo, abdicam de várias coisas (família, amigos, bens materiais e da liberdade de ir e vir) para viver em mosteiros, com uma rotina baseada em oração, trabalho e leitura. Os que escolhem ser parte da Ordem de São Bento fazem votos religiosos nos quais um dos pontos é o que se refere a não mais sair do mosteiro. A palavra “clausura” traz a ideia de “retirado”, “fechado”. É nela que os consagrados chegam mais próximos de um encontro místico com Deus por meio da oração, da contemplação, do recolhimento e, claro, do silêncio.

Quando rezam, continuamente, a ideia de separação do mundo se desfaz. É pela intercessão que eles ficam próximos da humanidade. A clausura, nos dias de hoje, é muito mais espiritual do que física. Os monges podem sair em datas específicas, mas pede-se que seja evitado o máximo possível. A construção do mosteiro em Brasília é herdeira da Abadia de Olinda e a fundação foi feita em 14 de julho de 1987. Hoje, 20 monges vivem na QL 32 do Lago Sul, bairro nobre da capital do país.

Segundo Luiz C. Martino, em *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendência*, o próprio significado de “comunicação” surgiu com os monges. A origem do termo é a palavra latina *communicatio*, que significa “atividade realizada conjuntamente”. O autor aponta a necessidade que o cristianismo antigo tinha de manter a vida eclesiástica fixada pela contemplação e pelo isolamento, que até então eram consideradas condições para conhecer Deus.

No mosteiro aparecerá uma prática que recebeu o nome de *communicatio*, que é o ato de “tomar a refeição da noite em comum” cuja peculiaridade evidentemente não recai sobre a banalidade do ato de “comer”, mas de fazê-lo “juntamente com outros”, reunindo então aqueles que se encontravam isolados. A originalidade dessa prática fica por conta dessa ideia de “romper o isolamento”, e nisto reside a

diferença entre a *communicatio* eclesiástica e o simples jantar da comunidade primitiva. (MARTINO, 2001, p. 13).

A história contada em *O silencioso canto dos pássaros* é a rotina desses monges. Durante sete dias o autor conviveu com os religiosos e observou o máximo que pôde os passos que eram dados dentro dos corredores do claustro. Ainda assim, há algumas barreiras físicas, de regras, de rituais, que só podem ser ultrapassadas pelos vocacionados, como a entrada nas celas e a participação diária no “recreio” deles, logo após o jantar.

A divisão por dias visa facilitar o entendimento e organizar melhor a construção da narrativa. Apesar de a rotina, em tese, se repetir, cada dia foi uma surpresa e teve várias particularidades. Durante o período em que o repórter ficou no Mosteiro de São Bento de Brasília, nenhuma entrevista formal foi realizada. Mesmo munido a todo momento de papel, caneta e gravador, o autor da reportagem preferiu observar e manter diálogos informais para compreender a vida monástica e não avançar uma suposta barreira imaginária que, em um primeiro momento, poderia intimidar os personagens.

Os mistérios que estão por trás do mosteiro são incontáveis. Desvendá-los, por completo, seria capaz apenas se o observador passasse uma centena de dias e tivesse autonomia para questionar e obter todas as respostas que desejasse, além de ter livre acesso a todos os documentos e cômodos da casa. Ainda que limitado, todas as dúvidas e hipóteses que existiam na cabeça do jornalista antes de ele entrar no mosteiro para viver tal experiência foram sanadas e resolvidas nos sete dias que viveu como um monge. Os pontos compreensíveis pela inteligência humana são contados nas páginas dessa reportagem que não encerra o assunto, apenas possibilita, inicialmente, o entendimento desse outro modo de vida.

O objetivo era a produção de uma grande reportagem jornalística nos moldes da revista *Campus Repórter* – cuja veiculação é feita pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília com periodicidade semestral – em que se narraria a rotina dos monges beneditinos que vivem na cidade de Brasília e contaria sobre a vida de silêncio e desapego (de pessoas e objetos) no mosteiro.

Para entender o motivo que levou essas pessoas a escolherem o silêncio e a contemplação em um mundo barulhento, o repórter registrou do exato momento em que os monges acordam até a hora em que vão dormir, e os acompanha em todas as atividades durante sete dias inserido na vida monástica. Não há outra forma de compreender a convivência e o cotidiano no claustro sem que este seja observado de perto.

Este trabalho ainda tenta desmistificar ideias sobre os monges e o modo de viver dentro dos mosteiros. A vocação é discutida quando se trata da forma pela qual se sentiram chamados para uma vida consagrada longe da família e da sociedade.

O tema sugerido justifica-se pelo ineditismo que trata as pessoas que se sentiram chamadas por Deus a abandonar a si próprio e a servir ao próximo em uma vida enclausurada. A reportagem mostra que não é preciso viver para fora, ou “no mundo”, para fazer parte dele. Por meio do texto, quem resolveu silenciar tem espaço para contar os motivos que o levou a tomar esta atitude. Tal produção jornalística tem como personagens as pessoas com vocação religiosa, especificamente as que escolheram participar da Ordem de São Bento.

A liberdade que o jornalismo literário proporciona é tão grande quanto a voz que está guardada nas gargantas daqueles que “se escondem” do mundo. Inspirado em jornalistas como Gay Talese e Eliane Brum, por exemplo, é possível perceber que o estilo aberto por esse gênero abre alas para um texto menos convencional. Em *Jornalismo Literário*, Felipe Pena define essa nova forma de fazer jornalismo:

O próprio conceito de Jornalismo Literário, que é caracterizado como uma modalidade de prática de reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) Literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. (PENA, 2011, p. 105)

Esta reportagem jornalística é de grande importância para lembrar quem vive “em outro mundo” e equaciona as dúvidas de quem não entende a coragem de se desapegar não apenas da família, dos amigos ou dos bens pessoais, mas também a coragem de se desconectar – na maior parte do tempo – do mundo inteiro.

Para entender a vida dos beneditinos ao máximo e passar aos leitores da melhor maneira possível, o repórter conseguiu a autorização do Mosteiro de São Bento de Brasília para acompanhar a rotina dos monges durante sete dias. Sendo assim, acordou no mesmo horário que eles, às 5h; participou das orações junto a eles; teve as mesmas refeições e até mesmo nos momentos de recreação os acompanhou.

Para a academia, essa é uma oportunidade de conhecer um estilo de vida que possibilita a criação de reflexões sobre a fase do imediatismo e da contemporaneidade. A comunidade brasiliense (e a quem mais a publicação atingir – católicos ou não) pode descobrir, em meio aos parágrafos do texto, a resposta de muitas dúvidas relacionadas à vida monástica, visto que é algo desconhecido e permeado de boatos. A própria Igreja, como instituição, e os monges também são beneficiados, já que este trabalho favorece o entendimento de como as pessoas fora dos mosteiros os veem, o que mais os deixa admirados e o exemplo que eles podem se tornar para leigos.

Para o repórter, a experiência de passar um tempo no Mosteiro e a possibilidade de sanar grande parte de suas inquietações jornalísticas que saem deste tema tão pouco falado tendem a ser únicas e lembradas eternamente, tanto como jornalista quanto como ser humano. Para abraçar os enigmas divinos que são apresentados durante o relato dos monges ou até mesmo no texto, é preciso fé. Se não em Deus, ao menos no jornalista que relata esta história.

## 2. JORNALISMO

### 2.1 Reportagem

O jornalismo mudou bastante desde o século XIX. O aumento do público depois da Revolução Industrial trouxe novos modelos e exigências para os jornais. A reportagem, que é o relato de uma informação e a união de fatos, permite ao leitor saber mais a fundo sobre determinado assunto. Enquanto uma “notícia” não se aprofunda no texto e tende a ser curta e objetiva, a “reportagem” destrincha detalhadamente qualquer material que possa servir para transformar as situações em textos jornalísticos. O responsável pela reportagem é o repórter, a quem Nilson Lage, em *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, descreve assim:

O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante. Essa função é exatamente a definida como a de agente inteligente. [...] Um agente inteligente deve ter autonomia, isto é, operar sem intervenção direta de seu contratante; ter habilidade social, isto é interagir com outros agentes, desenvolvendo, para isso, competência comunicativa; ser reativo, isto é, perceber o meio em que atua e responder em tempo aos padrões de mudança que ocorrem nele; e ser capaz de tomar a iniciativa, comportando-se de modo a cumprir sua tarefa. (LAGE, 2001, p. 23 e 24)

Para a construção de uma reportagem, alguns procedimentos devem ser seguidos. Um deles é a entrevista, ponto básico na apuração de informações jornalísticas. As perguntas surgem tanto de pesquisas feitas anteriormente quanto de curiosidades que aparecem durante a conversa. Ainda na mesma obra, Lage diz que a entrevista “é uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (LAGE, 2001, p. 73).

A reportagem, é bom lembrar, não pertence a nenhum veículo específico. Mais à frente, o autor afirma que nos textos de revista a entrevista pode ser vista como uma exposição na qual frases mais genéricas antecedem outras mais específicas e alerta para o nível de exigência:

A abertura, como num artigo, pode ser um relato circunstancial, um resumo biográfico ou histórico, um questionamento. A ausência de fórmula implica maior dificuldade de redação e necessidade de muitas informações complementares. (LAGE, 2001, p. 85)

Como a entrevista, segundo o autor, varia de acordo com a mídia em que é publicada, o tópico de número 2.3 analisará o veículo no qual este projeto tem o objetivo de ser publicado: a revista.

## 2.2 Grande reportagem

O termo “grande reportagem” é bastante relativo. Afinal, o que ele de fato significa? Que o tempo de apuração foi longo? Que a reportagem tem muitas linhas? Nas redações, no entanto, é assim que são chamadas as matérias mais extensas e que possuem uma maior profundidade no assunto. Além da dimensão, as matérias jornalísticas que seguem este modelo exigem muito do repórter e da empresa, tanto em relação a investimentos financeiros quanto humanos. Em *A prática da reportagem*, Ricardo Kotscho aponta o que ela representa.

A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia – e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do Jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício. (KOTSCHO, 2007, p. 71)

Muitos jornalistas e pesquisadores discutem o desaparecimento das grandes reportagens dos veículos impressos. Não há como negar que os jornais e revistas têm passado por reformulações nas últimas décadas e não é raro ouvir que alguma empresa de comunicação teve cortes de gastos. Talvez por estes motivos, a produção do gênero esteja em fase de desaceleração. Ao mesmo tempo, é possível questionar se já existiu, verdadeiramente, espaço para este modelo alguma vez. No posfácio de *Radical Livre*, de Tom Wolfe, Joaquim Ferreira dos Santos pontua:

Não há, como na revista *Realidade* nos anos 60 e os jornais alternativos dos 70, nenhuma referência nacional de peso que cultue a grande reportagem e seus intrépidos realizadores. [...] É preciso que haja alguém como o grande Tom Wolfe, que saia em campo fale com dezenas de pessoas, recolha muitas cenas, e volte para nos contar uma boa e nova história da aldeia. [SANTOS, 2005, p.235]

Kotscho completa:



Além de custarem muito caro na fase de produção, estas matérias ocupam muito espaço, um espaço redacional cada vez mais rarefeito em todos os grandes jornais. E há cada vez menos repórteres dispostos a encarar o desafio de entrar de cabeça num assunto, esquecer tudo o mais para, no fim, ter o prazer de contar uma boa história. (KOTSCHO, 2007, p. 71)

A grande reportagem está bastante atrelada ao jornalismo literário e também ao jornalismo de revista. Grande reportagem, assim como o jornalismo literário, não é literatura, mas descreve a cena, os objetos, as personagens e todo o panorama, muito além de uma simples notícia. O modo como se escreve não é mais importante do que o fato, mas proporciona, geralmente, mais prazer para o leitor.

Não é só a notícia. É o pacote em que ela é apresentada. Não é só descrever a gravata. É torná-la parte do contexto da história. Não é só o diálogo. São as vírgulas, os colchetes, as interrogações e o estardalhaço gráfico. Não é só encher o espaço. É encher de prazer a leitura. (SANTOS, 2005, p. 242)

### **2.3 Jornalismo de revista**

Com a falta de espaço em jornais impressos nos anos 1980 e 1990, o gênero reportagem se estabeleceu nas revistas. A técnica e o estilo sempre foram preocupações para este veículo de comunicação que dá mais liberdade de criação para os repórteres escreverem os textos. O texto em revista é diferente da escrita praticada em outras plataformas. De acordo com Sergio Vilas Boas, em *O estilo magazine: o texto em revista*, “considerados os valores ideológicos do veículo, não há regras muito específicas”.

Há, isto sim, uma conciliação entre as técnicas jornalística e literária. Não fazem exatamente literatura, porque jornalismo não se expressa por supra realidades. Ao contrário, tratam de uma realidade comum a todos. Mas a técnica literária é perfeitamente compatível com o *estilo jornalístico*. O *estilo magazine*, por sua vez, também guarda suas especificidades, na medida em que pratica um jornalismo de maior profundidade. Mais interpretativo e documental do que o jornal, o rádio e a TV; e não tão avançado quanto o livro-reportagem. (VILAS BOAS, 1996, p. 9)

A liberdade citada anteriormente é observada devido à periodicidade da publicação. No jornalismo diário a preocupação está voltada para a velocidade de informações e não para

a capacidade interpretativa do leitor. Desse modo, a informação caminha ao lado do tempo. Quanto mais tempo, mais detalhada a informação. Vilas Boas lembra que é preciso estar atento para os critérios de clareza e ritmo, por exemplo, na publicação, e que o texto de revista serve não apenas para informação como também para entretenimento.

O importante é passar a informação de um modo sedutor e, principalmente, não confundir. É descobrir a melhor forma de apresentar a matéria que o jornal e a TV já deram. Este é um grande desafio. Como na literatura, é preciso inspiração para escrever em revista, sem perder de vista, é claro, o estilo jornalístico. (VILAS BOAS, 1996, p. 35)

Diferentemente do jornal, tomado por matérias factuais, a revista tem a preocupação de levar ao leitor novas formas de leitura para o assunto que será tratado. No livro *Jornalismo de revista*, Marília Scalzo lembra que o tom e a linguagem devem ser semelhantes em cada matéria e devem sempre respeitar a linha editorial de cada produto.

O “como”, em revistas, é fundamental. O jornalista precisa aprender a pensar de acordo com a periodicidade do veículo e, claro, com os interesses específicos de seus leitores. (SCALZO, 2003, p. 65)

O texto da revista ainda precisa de um “quê” a mais que os outros veículos. Os leitores não querem apenas a informação pela informação, mas também esperam o prazer de uma boa leitura. Para textos grandes, como os de revistas, é preciso tecer uma boa estrutura de ideias senão, no meio do percurso, o repórter se perderá. O jornalista não pode se limitar apenas a destrinchar o *lead*.

Jornalismo não é literatura, mas as técnicas literárias podem ajudar, e muito, um jornalista a escrever melhor. Cores, cheiros e descrições cabem no texto de revista. Apresentar os personagens, humanizar as histórias, dar o máximo de detalhes sobre elas, também. Aprender técnicas de construção de personagens, técnicas narrativas e descritivas é fundamental para quem quer escrever grandes reportagens. (SCALZO, 2003, p. 77)

O jornalismo em revista e o jornalismo literário parecem estar intimamente ligados. Porém, nem toda reportagem publicada em revista deve seguir este gênero, mas grande parte usa da forma mais livre para deixar a criatividade trabalhar em parceria com as informações colhidas.

## 2.4 Jornalismo literário

Apesar de toda a liberdade que se acredita ter neste modo de produção, jornalismo e literatura precisam estar em sintonia. Ou seja, a esfera literária permite a criação de inúmeras situações – reais ou não – enquanto a observação jornalística se prende à clareza dos fatos e à veracidade das informações. Sergio Vilas Boas diz:

Não é a supra-realidade literária que interessa ao jornalismo. O que interessa é a precisão, pois tudo que se escreve em jornalismo deve ser verificável, comprovado na realidade imediata. A realidade do jornalismo se aproxima, então, de uma literatura não exatamente ficcional. (VILAS BOAS, 1996, p.59)

Mais adiante o autor continua:

Em literatura, a língua pode servir para fins teóricos ou estéticos. Em jornalismo, não. O jornalista não pode acrescentar aos personagens de uma reportagem uma projeção pessoal. Os personagens em jornalismo são fato. (VILAS BOAS, 1996, p. 63 e 64)

Talvez se o texto *Hiroshima*, de John Hersey, não tivesse sido publicado na revista *The New Yorker* em agosto de 1946, o gênero abordado neste tópico fosse demorar ainda mais para ser compreendido. Isso porque com a impressão das páginas de *Hiroshima*, o retrato feito do estrago causado pela explosão da bomba atômica ganhou uma edição inteiramente dedicada a ele graças à riqueza da reportagem, considerada uma das melhores – por alguns, a melhor – do mundo. Os detalhes presentes no texto de Hersey também são um dos pontos que Felipe Pena destaca em *Jornalismo Literário*:

O detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos. Se puder atribuir significados a eles e, mais importante ainda, se tiver a sensibilidade de para projetar a ressignificação feita pelo autor. (PENA, 2011, p. 55)

Então, a partir a perspectiva de jornalismo literário apresentada por Pena (2011, p.13), a reportagem tentou romper com a burocracia do *lead* e se baseou em uma intensa busca por relatos que enriqueçam o trabalho.

## 2.5 Jornalismo etnográfico

Etnografia é o estudo descritivo de etnias por meio da antropologia. Dessa forma, imagina-se um trabalho de campo, de forma que o pesquisador fique perto do objeto estudado e parta em busca de significados para serem relatados posteriormente. Esse método de pesquisa requer uma imersão no tema, além de bastante preparação e conhecimento sobre a pesquisa.

As etapas da etnografia dividem-se em levantamento bibliográfico, elaboração de uma espécie de diário de bordo e, finalmente, inserção no meio. Os dados, então, podem ser coletados de duas formas: por meio de entrevistas e pela observação participante. Sendo assim, o pesquisador, ao observar, precisa ter consciência de que também está sendo observado e de que pode causar alterações na rotina da comunidade. O comportamento, no entanto, varia de acordo com a sensibilidade do estudioso. Só depois dessas etapas é que o texto começa a ganhar forma, como explica Isabel Travancas em *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*:

O pesquisador não é apenas um transmissor de falas ouvidas. Para isso bastaria um gravador e alguém que transcrevesse as fitas. Seu papel fundamental é interpretar. Interpretar o que está sendo dito, observado e sentido. (TRAVANCAS, 2009, p. 103 e 104)

Quando o jornalista passa a agir como uma espécie de antropólogo, a reportagem ganha mais liberdade e os personagens passam a ser mais compreendidos já que o enredo foge das informações precisas e objetivas que dão liga a uma notícia, por exemplo. Neste tipo de pesquisa não é comum a superficialidade ou a pressa para o fechamento da matéria. Dessa forma, tudo o que é dito – ou não-dito – tem importância.

O pesquisador não inquirir seu entrevistado. Pode até apontar contradições, ambiguidades, pedir mais esclarecimentos. Mas ele não julga seu discurso, suas atitudes, suas escolhas. Ele escuta. Ele não está em busca de uma resposta verdadeira, objetiva. O próprio fato de um entrevistado não querer responder a uma questão, por exemplo, pode dizer tanto dele e de sua visão de mundo, quanto uma resposta. (TRAVANCAS, 2009, p. 103)

Edvaldo Pereira Lima, em *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, afirma que a observação participante não é tão empregada nas

reportagens dos periódicos. De fato, o envolvimento nos acontecimentos, e o mergulho na realidade retratada a partir da presença faz deste modelo de pesquisa uma grande forma de contribuição para a construção da reportagem.

Sentir, perceber, emocionar, usar o potencial sensório do corpo era a ordem dos novos tempos. Quando o new journalism esboça-se, ramo desse contexto comum, a sua forma de captação do real vai se caracterizar também por esse mergulho de cabeça no sensual, no sensório não só para acompanhar a revolução que toma conta dos setores mais liberais do país como também para recriar e reproduzir o que se passa em setores tão vanguardeiros assim da sociedade norte-americana. (LIMA, 2008, p. 122)

### 3. RELIGIÃO

#### 3.1 São Bento e São Gregório Magno

Bento de Núrsia nasceu em 24 de março de 480 em Núrsia, na Itália, e morreu em 543. Ele é fundador da Ordem de São Bento, uma das maiores comunidades católicas de clausura do mundo. Antes da criação da Ordem Beneditina já existiam, no entanto, mosteiros. O início do modelo de vida difundido por Bento começou quando ele decidiu se tornar eremita e passou a viver em uma gruta escondida em Affile, localizada próxima à Roma. Com uma rotina de oração e sacrifício, alguns pastores o acharam naquela região e espalharam sinais de santidade sobre ele, que após esse acontecimento ficou bastante conhecido por aquelas terras. Em 529, Bento se mudou para o Monte Cassino e fundou o primeiro dos vários mosteiros que levariam a Ordem à expansão. Nesse mesmo ano compôs *A Regra de São Bento*, livro que codifica a vida monástica.

Quem conta a vida de São Bento é São Gregório Magno – principal fonte de informação sobre o monge – no livro *São Bento: Vida e Milagres – segundo livro dos diálogos*, escrito no ano de 593. Gregório foi o 64º Papa da Igreja Católica Apostólica Romana, entre os anos de 590 e 604. Ele, que nasceu em Roma no ano de 540, tornou-se monge beneditino em 575 por influência dos escritos de São Bento. A obra é amparada por outros quatro monges:

Não conheço todos os feitos deste homem, mas o pouco que contarei, sei-o pela narração de quatro discípulos seus: Constantino, homem respeitabilíssimo, que lhe sucedeu na direção do mosteiro; Valentiniano, que regeu por muitos anos o mosteiro do Latrão; Simplício, que foi o seu segundo sucessor na direção da comunidade; Honorato, que até hoje dirige o mosteiro onde Bento antes viveu. (S. GREGÓRIO, 2009, p. 70)

São Gregório foi responsável por boa parte da reforma da disciplina monástica e sempre foi aliado aos mosteiros. Essa predileção foi contada no livro *Introdução à história monástica*. De acordo com Dom Emanuel d’Able do Amaral, da Ordem de São Bento (OSB):

Esse Papa favoreceu os monges com diversos privilégios, como, como exemplo, o “privilégio da isenção”. Com ele, subtraiu os monges da jurisdição dos bispos e os colocou sob sua jurisdição. Assim, todos os

mosteiros beneditinos, que antes dependiam dos bispos locais, passaram a depender unicamente do Papa. (AMARAL, 2006, p.105)

Um dos fatos mais marcantes da vida monástica é a rigidez com que os monges obedecem às regras beneditinas. São nelas que eles enxergam o caminho correto para se entregarem totalmente ao estilo de vida que quiseram assumir.

### **3.2 A Regra de São Bento**

O livro é chamado de Regra porque ele dirige os costumes daqueles que a seguem. Além do Prólogo, 73 capítulos servem como guia dentro de um itinerário espiritual que visa a conversão a Deus por meio da obediência. Os textos que a compõem são a alma dos mosteiros e são verdadeiros exemplos para aqueles que deixam tudo para seguir a Cristo. A *Regra*, apesar de conter palavras fortes e ríspidas, se mostra acolhedora aos monges. Nunca deixa de lembrar, porém, a obediência. Como por exemplo, quando dita a maneiras que o consagrado deve se portar ao ser pedido algo difícil de ser feito:

Se a algum irmão são acaso ordenadas coisas pesadas ou impossíveis, que receba a ordem de quem manda com toda a mansidão e obediência. Se vê que o peso do ônus excede absolutamente a medida de suas forças, sugira paciente e oportunamente ao seu superior as causas de sua impossibilidade, não se enchendo de soberba, nem resistindo ou contradizendo. Se, depois de sua sugestão, a ordem do superior permanecer em sua determinação, saiba o súdito ser-lhe isso conveniente e, confiado pela caridade, no auxílio de Deus, obedeça. (S. BENTO, 2003, p. 141 e 143)

O cumprimento total da regra beneditina pode parecer, para aqueles que vivem fora das grades da clausura, quase impossível. Porém, muitos homens sentem a necessidade de vivê-la tal como ela é e, assim, encontram um lugar no mundo e são felizes. Como forma de ingresso, se consagram à ordem e selam, a partir de então, um compromisso com os outros irmãos da comunidade, com os superiores e com Deus – que para eles é o mais importante.

### **3.3 Vida consagrada**

Quem decide levar uma vida consagrada precisa estar disposto a renunciar à família, profissão, dinheiro e os prazeres carnavais. A busca por um modo de viver mais próximo aos ensinamentos de Cristo por meio da oração e da doação nasce de um chamado (vocação) de Deus. O *Catecismo da Igreja Católica*, criado após uma reunião de bispos do mundo inteiro

que teve o objetivo de discutir as reformas necessárias na doutrina da Igreja, realizada entre os anos de 1962 e 1965 e chamada de Concílio Vaticano II, diz que:

[...] Na vida consagrada, os fiéis de Cristo se propõem, sob a moção do Espírito Santo, seguir a Cristo mais de perto, doar-se a Deus amado acima de tudo e, procurando alcançar a perfeição da caridade a serviço do Reino, significar e anunciar na Igreja a glória do mundo futuro. (IGREJA CATÓLICA, 1992, p. 262)

Nesse modelo de vivência também entram os eremitas, que praticam um desapego ainda maior e mais rigoroso que os demais. No *Catecismo*, eles são retratados desta maneira:

Os eremitas mostram a cada um este aspecto interior do ministério da Igreja, que é a intimidade pessoal com Cristo. Escondida aos olhos dos homens, a vida do eremita é pregação silenciosa daquele ao qual entregou sua vida, pois é tudo para Ele. É um chamado peculiar a encontrar no deserto, precisamente no combate espiritual, a glória do Crucificado. (IGREJA CATÓLICA, 1992, p. 263)

Para fortalecer ainda mais a vida dos eremitas, as ordens monásticas vivem em sistema de clausura. Dessa maneira, acreditam manter a veracidade da “retirada do mundo” e é também uma forma de manter segura a obediência e o espírito de recolhimento.

### **3.4 Vocação**

A vocação existe tanto no campo espiritual quanto profissional. Esta pesquisa trabalhará com a primeira. Vocação significa “chamado” e consiste em uma inclinação para seguir o convite feito por Cristo para segui-lo. Na vocação à vida consagrada, o religioso é convidado a viver uma entrega total que resulta nos votos de pobreza, castidade e obediência. Antes de se tornar consagrado, o monge passa por um discernimento vocacional e entra em um noviciado, que é o período de formação antes da emissão dos votos. No *Código de Direito Canônico*, Cânone 646, é descrito da seguinte maneira:

O noviciado, com o qual se começa a vida no instituto, destina-se a que os noviços conheçam melhor a vocação divina e, mais precisamente, a vocação própria do instituto, façam experiência do modo de viver do instituto, conformem com o espírito dele a mente e o coração e comprovem sua intenção e idoneidade. (IGREJA CATÓLICA, 2001, p. 184)



O *Catecismo da Igreja Católica* explica que o bem de cada indivíduo está relacionado com o bem comum e que em nome desse bem comum é preciso respeitar os direitos fundamentais e alienáveis da pessoa humana. Dessa maneira, cada um tem o direito de seguir o chamado que mais lhe toca ao coração.

[...] A sociedade é obrigada a permitir que cada um de seus membros realize sua vocação. Em particular, o bem comum consiste nas condições para exercer as liberdades naturais indispensáveis ao desabrochar da vocação humana: Tais são o direito de agir segundo a norma reta de sua consciência, o direito à proteção da vida particular e à justa liberdade, também em matéria religiosa. (IGREJA CATÓLICA, 1992, p. 507 e 508)

O importante é entender que todas essas pessoas decidem seguir tal chamado de forma espontânea e livre. Além disso, vale ressaltar que até o momento em que farão seus votos perpétuos, elas refletirão e terão auxílio psicológico e espiritual para discernirem se realmente estão no lugar certo para a realização pessoal e intelectual.

### **3.5 Clausura**

A clausura é um modo de vida completamente dedicado ao recolhimento. É um voto feito pelo religioso que o decide seguir. Acredita-se que essa “retirada” do mundo aliada à oração e ao silêncio sejam formas mais eficazes de atingir uma maior conexão com Deus. Ela serve não só para marcar certa separação do mundo, mas também como meio de preservação da privacidade dos religiosos. No *Código de Direito Canônico*, livro que contém as leis da Igreja Católica Apostólica Romana, são impostas algumas regras em relação a essa escolha no Cânone 667, nos parágrafos 1 e 2:

1. Em todas as casas se observe a clausura adequada à índole e à missão do instituto, de acordo com as determinações do direito próprio, reservando-se sempre uma parte da asa religiosa unicamente para os membros.
2. Deve ser observada uma disciplina mais estrita de clausura nos mosteiros destinados à vida contemplativa. (IGREJA CATÓLICA, 2001, p. 190)

No catolicismo, só pela vocação é possível se submeter a um modelo de vida como o dos beneditinos. Ela é a força motriz para que esses homens consigam se desapegar dos bens que possuem e se retirarem do mundo para rezarem por ele.

### 3.6 Silêncio

Em *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, Eni Puccinelli Orlandi o representa da seguinte maneira:

O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, dom múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o movimento do sujeito. (ORLANDI, 2007, p. 13)

Na Igreja, a ausência de barulho é, muitas vezes, um dos requisitos para o diálogo íntimo com Deus. Para que as palavras não caiam em um suposto “vazio”, ou que a liturgia se torne apenas um rito, tal ausência vai além das ondas sonoras e se transforma em uma participação direta com o divino. Dessa forma, o silêncio deixa de ser visto como bloqueio e passa a ser meio de comunicação.

No livro *Como organizar a Pastoral da Comunicação*, o silêncio aparece com as funções de interiorizar, ou seja, guardar e refletir o que é falado; escutar, que é uma forma de participação, de tal modo que só se comunica verdadeiramente quem sabe ouvir; e intensificar a expressão, portanto, dar importância e atenção ao que é dito.

Na liturgia, há duas espécies de silêncio: o da assembleia que escuta e vê, enquanto uma leitura é proclamada, ou enquanto há música e canto, enquanto acontece uma ação. Então, cada pessoa encontra, interiormente, o sentido das palavras, gestos e cantos. Há também o silêncio como momento específico: todos se calam, há total ausência de ruídos. Esse silêncio não é o tempo morto, em que nada acontece. É silêncio cheio de significado que permite a gente meditar a Palavra de Deus. Como na música, essa pausa de silêncio ajuda a marcar o ritmo, a respirar. É um silêncio-presença, comunhão com os outros e com Deus. (SOARES, 1989, p. 108 e 109)

Orlandi completa o estudo sobre silêncio:

Assim, quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio “fala” por elas; elas silenciam. As palavras são cheias de sentidos a não dizer e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas. (ORLANDI, 2007, p. 14)

## **4. A VIDA NO MOSTEIRO**

### **4.1 Rotina**

São diversas as atividades que os monges desempenham. Ou seja, eles não levam uma vida extremamente silenciosa e não se mostram fechados a todo o momento. As horas de reflexão e oração são balanceadas com momentos de partilha, “recreio” – como eles chamam a hora livre após o jantar –, e com vários tipos de trabalhos manuais: alguns cuidam da loja de produtos religiosos, outros da horta, e assim as funções são divididas até todos estarem encaixados.

Em algumas solenidades e ocasiões também há um contato mais próximo com a comunidade. De segunda a sexta-feira há missa aberta para os fiéis às 6h15; aos sábados, às 7h15; e aos domingos, às 10h – visto que às 6h45 são apenas rezadas as Laudes, sem a celebração Eucarística.

### **4.2 Condições**

No Brasil, o primeiro mosteiro beneditino foi inaugurado no ano de 1582 sob comando português. Essa casa, em Salvador, também foi a primeira de toda a América. Em 2013 – portanto, 431 anos depois –, há 23 mosteiros no país: sete masculinos e 16 femininos. Cada comunidade monástica tem independência para gerir o grupo da maneira que desejar. Apesar de haver a Congregação Beneditina do Brasil, cada casa tem autonomia para avançar com os trabalhos do modo que preferir. No entanto, os primeiros passos e a organização das fases do monastério são semelhantes.

A primeira condição de um mosteiro é ser um Priorado Simples e todos recebem este título no início. Ele é dependente da casa fundadora, que também é responsável por escolher o superior, chamado de Prior. Depois de haver no mosteiro oito monges com votos solenes, este passa a ser um Priorado Conventual – o prior então é eleito por eles. Ganha-se independência do mosteiro fundador. Quando são contados 12 monges com votos solenes, elege-se o Abade. É quando os corredores do claustro passam a fazer parte de uma Abadia.

### **4.3 Da entrada na casa aos votos perpétuos**

Existem as fases pelas quais os monges precisam passar. O discernimento da vocação é feito após o primeiro contato, que pode ser via email, carta ou telefone. O acompanhamento segue junto ao Zelador, que o convida para conhecer a rotina do mosteiro. Se a vida monástica for mesmo a vontade do candidato, ele é chamado a passar por uma experiência de três meses ali dentro. Após esse período ele retorna para casa. Se a comunidade aprovar, ele pode fazer parte do grupo.

A primeira fase é o postulando e este dura entre nove meses e um ano. O homem recebe um hábito preto e um avental para ser usado por cima da roupa até a altura das canelas, mais ou menos. Depois disso se torna um noviço. Além das vestes que já tinha, ganha um capuz na altura dos ombros, um cinto de couro preto e um novo nome. Também passa a fazer, verdadeiramente, parte da comunidade. Ficam nessa fase por dois anos e não podem passar mais do que 15 dias fora do mosteiro.

Ao se tornarem professos simples, fazem os votos temporários de obediência, conversão dos costumes e estabilidade. O avental cai para a altura dos pés. Passam a ter direito a duas semanas de férias e começam a formação clerical (Filosofia e Teologia). Três anos depois, são convidados a perpetuarem os votos. Podem negar e ter a Profissão Simples renovada por até nove anos. Quando chegam à Profissão Solene, além de eternizarem as escolhas, também recebem a Cogula, uma veste comprida de mangas largas e com capuz. Não é usada diariamente, apenas em ocasiões especiais.

## **5. REFERENCIAIS METODOLÓGICOS**

### **5.1 Pauta**

Este trabalho surgiu de uma dúvida do próprio repórter: o que leva uma pessoa a abrir mão de tudo e de todos para se tornar um religioso em sistema de clausura, sem receber salário, em uma vida pacata e sem muito barulho enquanto os valores pregados “do lado de fora” do mundo são outros? Foi assim que, durante uma madrugada de junho de 2013, reunido com alguns amigos, o autor desta matéria teve a ideia de escrever sobre a vida dos monges.

No princípio, pensava-se em estender a pesquisa às freiras carmelitas e aos homens do mosteiro. A intenção era acompanhar de perto o modo de viver desses dois grupos para recolher material suficiente para a produção de um texto jornalístico. Pelo fato de ser católico e estar envolvido em trabalhos pastorais da Igreja, acreditava-se que o caminho seria menos complicado do que para uma pessoa que não professasse aquela fé. Tanto para conseguir autorização quanto para o entendimento da situação.

Com o tema aceito pelo professor orientador, o pesquisador pôde, então, avançar nas referências bibliográficas e na busca por informações do convento e do mosteiro em Brasília. Ficou decidido que o formato seria para o meio impresso e que estaria inserido nos métodos do jornalismo literário. Começou-se a pré-apuração.

### **5.2 Pré-apuração**

Durante a pesquisa sobre as casas de religiosos na capital do país, o repórter chegou à conclusão de que seria bastante complicado ser inserido em um convento de freiras. A diferença de sexo e o modo – ainda mais recluso – como que elas vivem dificultariam a troca de informações. Foi quando optou-se por trabalhar apenas com os monges beneditinos e intensificar a maneira como as informações seriam coletadas.

O primeiro contato com o Mosteiro de São Bento de Brasília aconteceu no dia 28 de junho de 2013. Por telefone, explicou-se para o irmão José, um dos monges, sobre o trabalho final. O religioso anotou o número do jornalista e ficou de dar algum retorno, após conversar com o superior da casa.

Quatro dias depois, e sem conseguir nenhuma resposta, o repórter foi até o mosteiro. Quando chegou, os monges estavam reunidos em oração e foi preciso esperar o momento de reza terminar. Ao fim, os irmãos se retiraram da capela sem falar com o visitante. Sem saber o que fazer, esperou um tempo para ver se alguém voltava para atendê-lo. O que não aconteceu.

Quando um monge apareceu, pediu-se para falar com irmão José, que não demorou para chegar. Apresentados, o religioso chamou irmão Bernardo Maria para conversar com o futuro jornalista. Foram para o Parlatório 2, uma pequena sala de reuniões, e tudo foi explicado novamente. O monge se comprometeu a conversar com o responsável pela casa e dar uma resposta ainda naquele dia. No fim da noite, mandou um *email* que dizia sobre a aceitação positiva para que o trabalho pudesse ser realizado.

Na quinta-feira, 4 de julho de 2013, o repórter voltou ao mosteiro para conversar com irmão Bernardo e também para pegar livros importantes sobre a história monástica e as regras daquela comunidade.

O autor da matéria continuou realizando visitas à comunidade em datas festivas, missas aos domingos e em dias da semana para observar a rotina. Depois, foi avisado de que poderia passar sete dias na casa, acompanhando-os de perto. Marcou a ida para o período em que estaria de férias do estágio, entre os dias 29 de agosto e 4 de setembro de 2013.

### **5.3 Apuração**

Como havia ficado decidido que a reportagem seria construída a partir da experiência do repórter naqueles sete dias, a apuração *in loco* se resumiria àquele período de tempo. Antes, junto ao orientador, montou-se uma lista com algumas perguntas e encaminhamentos para auxiliar no decorrer do período de hospedagem. No dia combinado, ele se dirigiu ao mosteiro e foi recebido por irmão Bernardo Maria.

A intensa rotina de orações e o enorme silêncio que são rigorosamente seguidos pelos monges chegaram a assustar o repórter, em um primeiro momento. Sempre com papel e caneta, o observador permanecia atento a qualquer movimento que fosse feito perto dele. Nos três primeiros dias, o prior não estava na casa. Isso fez com que o futuro jornalista se limitasse

à observação e deixasse as entrevistas para depois, o que foi aconselhado pelos monges, enquanto dom André não retornasse.

Quando voltou, sentou-se com o hóspede-repórter e contou-lhe sobre aspectos pessoais, monásticos e também sobre fragilidades e pontos fortes da casa. Essa conversa aconteceu no domingo, no quarto dia de confinamento, e só então o prior avisou que preferia que nenhuma entrevista formal fosse realizada naqueles dias. Muitos dos monges nem mesmo sabiam qual era o motivo de o visitante estar ali no meio deles. Alguns achavam que ele discernia a vocação, outros pensavam que ele era candidato à vida religiosa.

Decidiu-se por não passar muito tempo fazendo anotações para não intimidar os monges. Dessa maneira, toda vez que voltava para o quarto, o repórter escrevia o que havia acabado de acontecer, a fim de facilitar a produção do texto posteriormente. Como muita coisa se repetiu no passar dos dias, pôde fazer uma descrição detalhada dos acontecimentos.

#### **5.4 Redação**

Com o material coletado durante a semana em que passou em companhia dos monges, o texto começou a ser escrito. Não era possível prever o tamanho que ele ficaria e não foi definido, a princípio, um limite de caracteres.

A primeira decisão foi a de escrevê-lo contando dia após dia. Uma espécie de diário, porém sem o enfoque tradicional na vida pessoal. Como o trabalho envolve religião, teve-se a ideia de remeter os sete dias que o repórter passou no mosteiro aos sete dias da criação do mundo, contada no livro de *Gênesis*, da *Bíblia Sagrada*. Dessa forma, o mote seria a invenção de um mundo novo descoberto pelo repórter.

O segundo passo foi decidir a linha narrativa. Optou-se por usar a primeira pessoa do singular no texto. O motivo é o silêncio vivido pelos monges. Na reportagem, o autor quis mostrar que, dentro da casa, apenas ele tinha a voz livre. Os enclausurados precisam de concentração, e por isso falam pouco. Tentou-se passar essa ideia de ausência de barulho, por parte deles, e de liberdade na fala, por parte do repórter.

Justamente por este motivo, o texto não tem aspas: para dar a noção exata do silêncio existente no mosteiro. Mesmo sem entrevistas formais, o autor poderia ter usado falas dos



monges durante a redação, mas decidiu não fazê-lo. O texto em primeira pessoa e sem aspas pretende mostrar os cuidados e detalhes de uma observação participante.

Para contar um pouco mais da vida dos religiosos, teve-se a ideia de entrevistá-los depois de sair da casa. Os relatos, no produto, foram colocados ao final de cada dia e foram transcritos na íntegra. São as aspas dos monges e funcionam como desabafos. Em páginas pretas, para contrastar com as outras e para auxiliar o leitor a entender que ali não é o repórter quem fala, os beneditinos ganharam espaço para as histórias pessoais.

Neste ponto o autor pediu ajuda a Nava Soares, uma amiga e jornalista diplomada, para que o texto do Prefácio do produto fosse escrito. Em um primeiro momento, surgiu a inquietação sobre ser ético ou não pedir para alguém com laços de amizade desempenhar tal trabalho. Depois de refletir, porém, ele não viu problemas, já que a formação da moça contribuía na justificativa do motivo de ela ter sido chamada.

### **5.5 Diagramação**

O texto foi pensado para revista, mas a diagramação não seguiu as conhecidas páginas deste veículo. Escolheu-se diagramar a reportagem em forma de livro pela facilidade em passar de um dia para o outro e pelo uso de elementos visuais que remetem à religião e à vida monástica.

O produto não tem a pretensão de ser um livro-reportagem, visto que seria necessário um panorama ainda maior sobre a vida beneditina no mundo, no Brasil e em Brasília. O livro, como objeto, remete à ideia de sagrado, de documento, dentro do catolicismo. Ainda dentro do mosteiro, há diversos livros usados diariamente, como o *Lecionário* e o *Saltério*, por exemplo.

Na vida beneditina, além da oração e do trabalho, é pedido para que os monges leiam bastante. Eles têm muito contato com os livros, inclusive, a biblioteca da casa em Brasília possui milhares de obras. O livro foi a melhor forma de abrigar as palavras da reportagem.

O trabalho de diagramação foi feito por Raquel Câmara, estudante de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade de Brasília. De forma

profissional, com contrato firmado, além de organizar o projeto gráfico, a diagramadora também fez as ilustrações da capa e da primeira página do produto.

## **5.6 Imagens**

Durante a estadia no mosteiro, o repórter pôde tirar fotos de todos os lugares da casa, da capela e do que havia pelas redondezas. No entanto, optou-se por usar apenas uma foto no texto. O motivo é simples: ele queria que o leitor utilizasse a própria imaginação para criar as imagens descritas nas linhas da reportagem. A única fotografia se encaixou na última página do produto, a fim de dar a obra por encerrada e revelar o mosteiro. As outras imagens – minhas e de um dos monges – foram anexadas junto ao memorial descritivo para que se tivesse uma ideia de como é o lugar, e para complementar as que foram criadas mentalmente pelos leitores.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim do período de apuração e redação da reportagem, a inteligência humana do repórter ainda não é capaz de compreender o motivo que faz pessoas abandonarem tudo o que tem para viver enclausuradas. A fé em Deus, em contrapartida, explica de modo muito direto a dimensão da coragem de renegar os prazeres do mundo em busca do divino. Lá dentro do Mosteiro de São Bento de Brasília, apesar do canto gregoriano bem professado, a voz mais bonita não é a dos monges, mas a do silêncio.

Escrever uma reportagem nos métodos do jornalismo literário foi uma experiência bastante positiva, visto que as várias nuances e diversos aspectos do jornalismo tradicional foram restabelecidos em um novo contexto: o dos detalhes, da descrição elaborada, da observação participante e da imersão radical em uma comunidade desconhecida.

Após o desafio vivido, o gosto pela grande reportagem aumentou ainda mais. O repórter continua a caminhada com o conselho dado por Ricardo Kotscho em *A prática da reportagem*: “Não basta a paixão. A responsabilidade de quem parte para uma grande reportagem é também muito grande para o profissional. É um momento em que você não pode errar, não tem o direito do fracasso. A única maneira de diminuir os riscos é se calçar bem, antes”.

Tratar sobre religião na academia é algo bastante trabalhoso devido à escassez de materiais elaborados por pesquisadores e não por religiosos. Apesar disso, o repórter conseguiu separar a vivência cristã pessoal da atividade de jornalista. Desligar-se de suas convicções por alguns momentos foi fundamental para que o texto pudesse ser escrito da maneira mais imparcial possível. O resultado é *O silencioso canto dos pássaros: uma reportagem sobre a vida no Mosteiro de São Bento de Brasília*.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Dom Emanuel d'Able do, OSB. **Introdução à história monástica**. Salvador: São Bento, 2006.
- BENTO, Santo. **A regra de São Bento**. 3ª ed., rev. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2003.
- BRITO, José Domingos de. **Literatura e jornalismo**, volume 3. São Paulo: Novera, 2007.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- ECO, Umberto. **O nome da rosa**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- GREGÓRIO MAGNO, Santo. **São Bento: vida e milagres**. 2ª ed. Juiz de Fora: Subiaco; Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2009.
- HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luís C; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências**, 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- IGREJA CATÓLICA. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- IGREJA CATÓLICA. **Código de Direito Canônico**. São Paulo: Loyola, 2001.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2007.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª ed. São Paulo: Manole, 2008.
- LUNA, Dom Joaquim G. de, OSB. **Os monges beneditinos no Brasil**. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1947.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed., Campinas: Unicamp, 2007.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de reportagem na imprensa**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Como organizar a Pastoral da Comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.
- WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

## **8. Anexos**

### **8.1 Cronogramas**

#### **Produto**

**Definição do tema:** Durante o primeiro semestre de 2013, na disciplina de pré-projeto, entre os meses de abril e julho.

**Leituras:** Entre os meses de abril e novembro de 2013.

**Apuração:** De 29 de agosto a 04 de setembro de 2013.

**Entrevistas:** Outubro e Novembro de 2013.

**Redação da versão final da reportagem:** primeira quinzena de novembro de 2013.

#### **Memorial descritivo**

**Elaboração do pré-projeto:** De abril a junho de 2013.

**Elaboração do memorial descritivo:** Novembro de 2013.

### **8.2 Orçamento**

6 diárias no Mosteiro de São Bento de Brasília: Sem custo

Profissional para projeto gráfico, diagramação e ilustração: R\$ 300

Impressão de 10 exemplares do produto: R\$ 350

Impressão e encadernação do memorial: R\$ 50

Total: R\$ 700

### **8.3 Fotos**

1. Caminho para o mosteiro.



4. Torre com o sino



2. Cella.



5. Claustro.



3. Corredor com computadores



6. Local do recreio.



7. Sacristia.



10. Cozinheira prepara o jantar.



8. Capela reservada para os monges.



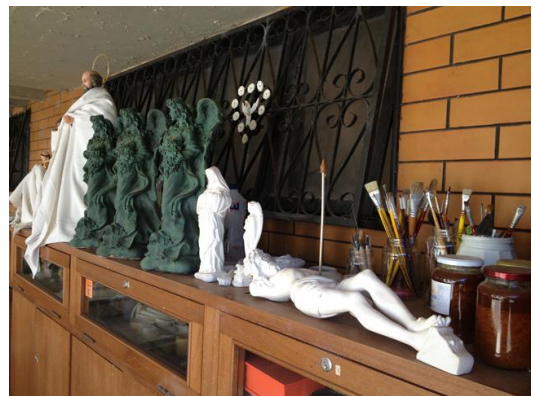
11. Mesa com microfone no refeitório.



9. Refeitório.



12. Trabalhos artísticos dos monges.



13. Mesa do prior no refeitório.



16. Irmão Bernardo na horta.



14. Irmão Danilo ajuda na cozinha.



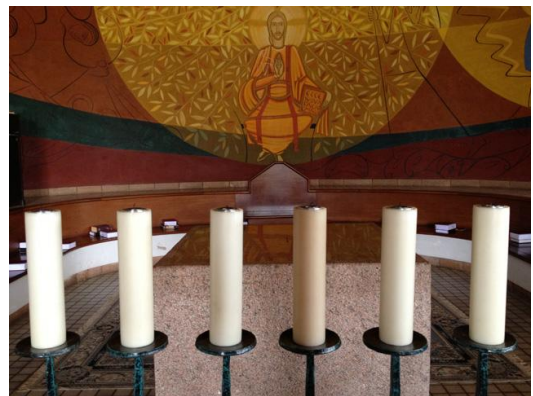
17. Missa no mosteiro.



15. Irmão Bernardo no galinheiro.



18. Capela.

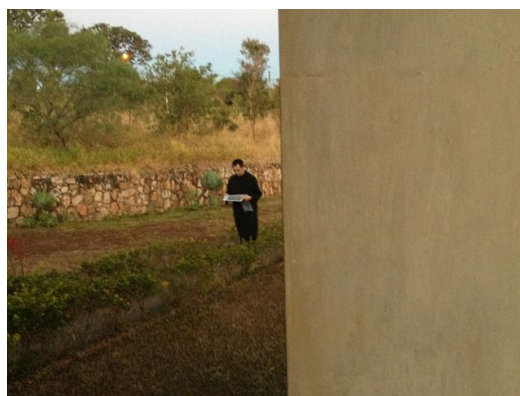




19. Irmão Rafael toca o sino.



22. Irmão Rafael com o jornal.



20. Loja no mosteiro.



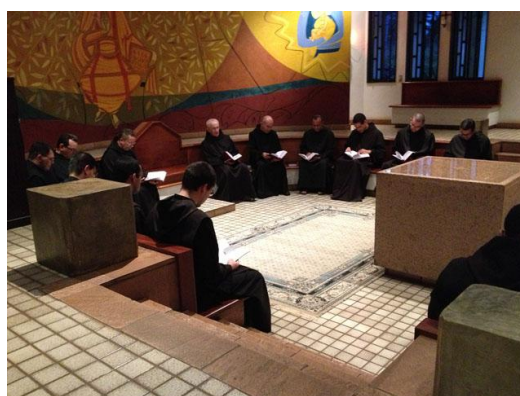
23. Dom Justino ao órgão.



21. Sacrário.



24. Monges reunidos para oração.



25. Dom Paulo na barbearia.



28. Padre Pablo na Ermida Dom Bosco.



26. Incenso. (Foto: Ir. Ambrósio)



29. Oração das Completas.



27. Capela. (Foto: Ir. Ambrósio)



30. A comunidade. (Foto: Ir. Ambrósio)



